

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Excedente Histórico e a Miséria do País Real

Publicado em 2026-03-26 13:14:32



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Portugal fechou 2025 com um excedente orçamental de 0,7% do PIB, cerca de 2.058,6 milhões de euros.
- O Governo previa apenas 0,3% para 2025 e projecta 0,1% para 2026.
- Ao mesmo tempo, os pagamentos em atraso das entidades públicas subiram para 889,2 milhões de euros até Agosto de 2025.
- O Banco de Portugal avisa que o médio prazo continua condicionado pela demografia e pela redução das transferências líquidas da União Europeia.
- Um saldo positivo nas contas do Estado não significa, por si só, prosperidade real para os cidadãos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há governos que confundem contabilidade com civilização. Quando isso acontece, um excedente orçamental passa a valer mais, no discurso oficial, do que a vida concreta de um povo inteiro.

O Governo veio alardear um “excedente histórico” nas contas públicas. E é verdade que o número, isolado, impressiona: Portugal fechou 2025 com um saldo positivo de 0,7% do PIB, equivalente a cerca de 2.058,6 milhões de euros, acima dos 0,3% que o Executivo previa. A máquina da propaganda apressou-se, como sempre, a vestir o dado com a solenidade habitual, como se a aritmética do Estado fosse já sinal de redenção nacional. Mas é precisamente aqui que começa a fraude moral do discurso oficial. Porque um país não se mede apenas pelo saldo do seu Tesouro. Mede-se, sobretudo, pelo estado da sua vida concreta. O

Um excedente orçamental pode ser útil. Pode transmitir credibilidade externa, ajudar a baixar dívida, melhorar condições de financiamento e dar ao Estado alguma margem de manobra. Tudo isso é verdade. O que é falso — ou, pelo menos, intelectualmente desonesto — é apresentar esse número como prova de saúde nacional, como se os

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

com prosperidade social.¹

O Estado sorri, o país range os dentes

O problema está na distância obscena entre o discurso triunfal e a experiência real do país. O Governo exhibe excedente; os cidadãos vivem custo de vida alto, habitação sufocante, serviços públicos em fadiga crónica, salários incapazes de acompanhar a dignidade mínima e uma sensação difusa, mas persistente, de que o país se aguenta mais por compressão das expectativas do que por verdadeira criação de prosperidade. Esta distância entre o elogio oficial das contas e o mal-estar do país real não é acidente: é método. O poder gosta de anunciar o que o favorece no plano estatístico e de empurrar para a penumbra o que o desmente no plano humano.²

É por isso que convém não deixar que a palavra “histórico” embale o espírito. Histórico para quem? Para a folha de Excel do Ministério das Finanças? Para as agências de rating? Para Bruxelas? Para os estrategas do marketing governamental? Porque para o cidadão que paga renda proibitiva, espera meses por cuidados de saúde, leva com um aparelho público lento e continua a trabalhar demasiado por demasiado pouco, a história é outra. E essa outra história não cabe nos comunicados ministeriais.³

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Estado, naquele ano, fechou as contas com saldo positivo. Isso é importante, mas está muito longe de equivaler a transformação estrutural. O próprio Banco de Portugal lembra, no seu Boletim Económico de Março de 2026, que a evolução da economia portuguesa continua condicionada, no médio prazo, pelos efeitos da demografia sobre a oferta de trabalho e pela redução das transferências líquidas da União Europeia. Traduzindo: o país continua a tropeçar em limites sérios, profundos e conhecidos. O excedente não apaga a fragilidade. Apenas a maquilha por um instante.⁴

Há aqui uma velha ilusão nacional que convém desmontar. Portugal habituou-se a tratar bons indicadores conjunturais como se fossem passaporte para a grandeza. Um ano corre bem, uma meta é superada, a dívida desce um pouco, o défice transforma-se em excedente, e de repente o poder fala como se o país tivesse entrado numa era de maturidade económica superior. Mas basta um pouco de honestidade para perceber que uma economia realmente forte não se define apenas por disciplina orçamental. Define-se pela qualidade dos salários, pela robustez do investimento produtivo, pela eficiência dos serviços públicos, pela capacidade de reter talento, pela vitalidade demográfica e pela confiança com que uma sociedade encara o futuro.⁵

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O aparelho do Estado oferece sinais de tensão que estragam a festa. Em Setembro de 2025, os pagamentos em atraso das entidades públicas tinham subido para 889,2 milhões de euros até Agosto, mais 245,8 milhões do que no mesmo período do ano anterior. Ou seja: o Estado pode apresentar-se com um belo verniz de excedente e, ao mesmo tempo, carregar atrasos, estrangulamentos e ineficiências internas que desmentem a narrativa de máquina admiravelmente afinada. A propaganda selecciona o número que brilha; a realidade lembra sempre os números que arranham.⁶

E isto sem esquecer que o próprio ministro das Finanças já tinha avisado, em Fevereiro, que o esforço de manter equilíbrio orçamental e continuar a reduzir dívida em 2026 seria limitado pelo impacto económico das tempestades recentes, com custos de reconstrução acima de 4 mil milhões de euros. Portanto, mesmo no plano estritamente fiscal, o cenário está longe da serenidade épica que os slogans governamentais insinuam. Há equilíbrio, sim. Há também vulnerabilidade, pressão e dependência de factores que não controlamos plenamente.⁷

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

saldo para abrir uma discussão séria sobre o que fazer com essa margem, preferem transformar o número em troféu e o troféu em discurso autocelebratório. Em vez de perguntarem como converter disciplina fiscal em país mais justo, mais produtivo, mais inovador e mais capaz de recompensar quem trabalha, limitam-se a apresentar o excedente como prova bastante de virtude governativa. É um pequeno triunfo administrativo erguido à condição de visão histórica. É pouco. É mesmo muito pouco.

Porque governar não é apenas fechar contas. É abrir futuro. E Portugal continua, demasiadas vezes, a revelar dirigentes que sabem muito sobre saldos, mas pouco sobre destino. Sabem falar para Bruxelas, para os mercados e para as métricas. Mas falham quando chega a hora de dizer ao país real onde está o seu caminho de elevação. O resultado é esta estranha miséria de fundo: um Estado que sorri nos rácios, enquanto a sociedade range os dentes na vida quotidiana.

O país real não vive em percentagem do PIB

Convém repetir o essencial: as pessoas não vivem em percentagem do PIB. Não comem saldos orçamentais. Não aquecem a casa com disciplina fiscal. Não encontram consulta médica com um ponto decimal. Não compram casa

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tangível, na existência dos seus cidadãos.

É precisamente por isso que o excesso de triunfalismo se torna ofensivo. Porque aparece sempre antes da prova social. Primeiro, o Governo aclama-se. Depois, se sobrar tempo, talvez alguém pergunte pela vida concreta dos governados. E esta inversão diz tudo sobre o estado da política portuguesa: o poder está cada vez mais especializado em representar sucesso antes de o entregar.

Epílogo

Sim, o excedente existe. Sim, tem relevância fiscal. Sim, pode ser melhor do que o défice e a desordem. Mas a grande fraude intelectual do momento consiste em vendê-lo como prova suficiente de saúde económica e de competência histórica, quando o país continua atolado em fragilidades estruturais, salários pobres, serviços sob tensão e um horizonte de desenvolvimento que continua curto para a dignidade que merecíamos há muito.

O problema não está no número. Está no uso político do número. Está na transformação da contabilidade em epopeia. Está na tentativa de fazer do saldo a nova religião cívica de um país onde a vida real continua, demasiadas vezes, a parecer um permanente aperto de alma.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências

RTP — anúncio do excedente orçamental de 2025, reacções políticas e peças sobre pagamentos em atraso.

Reuters — previsões orçamentais do Governo, trajectória de excedentes e constrangimentos causados por tempestades e despesa pública.

Banco de Portugal — Boletim Económico de Março de 2026, com projecções e alertas sobre demografia e redução das transferências líquidas da União Europeia.

Francisco Gonçalves

Para o **Fragmentos do Caos**

Com coautoria editorial de **Augustus Veritas**

**Leia o Manifesto por um Portugal Livre,
Competente e Criador**



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)